



Ao anoitecer ele se recolhia em algum rancho abandonado na periferia da vila e dormia encolhido sobre alguns cobertores velhos que conseguira nas casas mais abastadas.

Sua alimentação era algum pouco de comida que alguma alma boa lhe oferecia num pote que acondicionara margarina. O personagem que vagava pelas ruas, como anônimo pedinte, era Antonio, o pai que vira a esposa e as filhas assassinadas pelo bando de Altair. Depois do massacre de sua família ficou desmemoriado e passou a vagar pelas cidades, amargando as lembranças daquela madrugada.

Seus algozes tinham razão quando disseram que ele haveria de vagar pelo mundo, sem destino, e morreria demente, recordando a cada hora o olhar de seus familiares pedindo para não serem mortos.

Essas lembranças infundiram em sua mente o desespero que levou à depressão profunda e, do buraco em que se encontrava, não havia como escapar. A tristeza dominava sua alma e ele não conseguia pensar direito no que devia fazer para melhorar e sair daquela situação.

Antonio havia fugido da região próxima ao rio Iguaçu, onde a sua família havia sido assassinada, e viajou, de carona, aboletado nas carroças e caminhões que rodavam a região, acabando por se arrancar em Pato Branco, uma cidade do sudoeste do Paraná, que começava a despontar para o desenvolvimento, onde encontrara algumas almas boas que o auxiliavam doando-lhe roupas e comida.

Depois de algum tempo aumentou a cota diária de bebida para esquecer a tragédia e virou chacota dos mal intencionados cidadãos que adoravam perturbá-lo, principalmente quando cambaleava pelas ruas, na mais profunda perturbação.

Os anos haviam se passado e Antonio continuava na rotina de levantar cedo, deixar o abrigo paupérrimo e vagar pelas ruas em busca do alimento diário e das moedas para comprar a cachaça na bodega de seu Medeiros, que ficava para o lado norte da cidade, nas proximidades da estrada que conduzia a Verê e ao rio Iguaçu.

Os dias continuavam se arrastando pela vida amargurada de Antonio e ele continuava no mesmo rancho abandonado, nas mesmas ruas empoeiradas, pedindo nas mesmas casas, nas mesmas esquinas e bebendo a cachaça, no fim de tarde, na mesma bodega.

[Continuar...](#)